

Nietzsche

Darla de 6ª feira

Tendência diámisica - tendência apolínica

Consequência de Schopenhauer e Darwin

'Jenseits von Gut und Böse' Kunst

Sempre senti uma atração pelas lendas e uma curiosidade pelo mecanismo que transforma fatos históricos em lendários, destorcendo-os e iluminando-os nesse processo. Parece-me que este mecanismo tem a ver com a tendência do subconsciente coletivo, descoberto e comentado no Ocidente por Jung, de interpretar os fatos históricos como variações de temas arquetípicos e equipá-los, em consequência, com dimensões de profundidade. Alexandre Magno, para dar um exemplo, se transforma na lenda em variação do arquétipo do herói da luz em luta contra o dragão das trevas, e o fenômeno histórico alexandrino adquire uma nova dimensão que lhe dá significado que ultrapassa a história da civilização para penetrar em profundezas anteriores a ela e talvez anteriores ao próprio aparecimento da humanidade. Os articuladores desse subconsciente coletivo são os bardos, os rapsodos, os cantores e os videntes, em breve os poetas, são eles portanto os instrumentos pelos quais a sociedade renova e conserva os seus mitos, criando novas lendas. Uma vez surgida a lenda é difícil destrinchar nela o seu núcleo histórico, porque esse núcleo deve conter a energia que deu origem à reação em cadeia da lenda. Alexandre Magno, para voltar ao exemplo, mesmo visto como fenômeno puramente histórico, contém um elemento que provocou o desdobrar da lenda, e é portanto difícil de imaginá-lo sem ela. Seria falsificar o próprio fenômeno histórico, se quizessemos ignorar por completo a lenda. Essa dificuldade se torna quase paradoxal quando se trata de uma figura lendária que pertence à atualidade, porque a razão humana se conforma com o claro-escuro da mitologia somente quando este se funde com as trevas de um passado longínquo. A razão fica perplexa diante do aparecimento do mito em plena luz do meridiano. Ela aceita, a contragosto, o aparecimento de uma reencarnação do herói arquetípico da luz no século quatro antes de Cristo, mas ela se rebela contra a aparição da reencarnação de Dionísio em 1844 numa pensão de pequenos burguezes em pequena cidade na Suíça. É dessa reencarnação, é de Nietzsche, que lhes quero falar agora.

Não é a primeira vez que um filósofo se transforma em deus na lenda. Dou como exemplo os nomes de Pythagoras e Empedocles, para não falar dos filósofos chineses. Mas, pelas razões mencionadas, Nietzsche é um caso muito mais inquietante. Seria cômodo demais relegar a sua afirmação de ser a reencarnação de Dionísio pura e simplesmente ao território da loucura, porque um louco puro e simples não pode dar origem a uma lenda. A sífilis e a mania de grandeza dela resultante não é uma explicação suficientemente profunda do fenômeno Nietzsche. Ela não teria dado origem à figura de Adrian Leverkuehn, esse doutor Fausto do século vinte que surgiu da pena de Thomas Mann, um dos bardos e dos rapsodos da atualidade. Para quem lê os doutos Faustus, a pessoa e as obras de Nietzsche adquirem um significado novo e mítico, doravante inseparável do fenômeno histórico e frio. E estou persuadido que não se trata de uma falsificação, mas de um aprofundamento dessa pessoa e dessas obras. E nesse clima de exaltação a um tempo paga e medieval, tão apropriado a Nietzsche, que vos peço de se aproximar comigo desse professor de filologia que vendeu a sua alma.

Debalde procuraríamos em Nietzsche um sistema filosófico no sentido acadêmico dessa palavra. Alias, ele não se dirige, em suas obras, a um público filosoficamente educado. A sua obra mais importante, "Assim falou Zaratustra" tem, como subtítulo "um livro para todo mundo e ninguém", (ein Buch fuer alle und keinen). A forma estética da qual ele se utiliza é uma cadeia de aforismos apenas entreligados, portanto de uma série de articulações em forma de oráculos inspirados. Isto é um método evidentemente pouco apropriado à construção de um sistema, já não digo racional, mas razoável. A uma análise racional, portanto, Nietzsche não resiste. Analisadas friamente, as suas obras não passam de um amontoado de preconceitos emocionais horrivelmente antipáticos exaltados, para os quais, felizmente, não há a menor justificativa, seja lógica, seja ética. Mas uma análise assim destruiria Nietzsche sem jamais explicar a tremenda influência que ele tinha sobre a geração dos nossos pais e continua tendo sobre a nossa. Tentarei portanto dar-lhes uma ideia do mundo nietzscheano sem analisá-lo logicamente, e peço-vos de manter em mente que não temos nenhuma razão de acreditar naquilo que ele nos diz, embora estejamos profundamente comovidos e inquietados pela maneira como aquilo é dito. A sociedade dentro da qual nascemos nos fornece com uma taboa de valores pré-fabricada e nos força de viver de acordo com eles. De onde vieram esses valores? Evidentemente não podem ser valores absolutos, porque dentro do homem não existe instinto para o bem ou para a verdade em si como ideais absolutos. Existe unicamente uma força motriz soberana, a saber:

a vontade do poder. - E essa a força geradora das civilizações e que dirige a vida do homem. A escala de valores de uma sociedade é a codificação da vontade do poder da elite dessa sociedade, em outras palavras ela é um instrumento dessa elite de manter-se no poder e perpetuá-lo. Em consequência essa escala é, normalmente, a codificação de uma ética de conquistadores. Os gregos, os romanos, os germanos estabeleceram táboas de valores normais, nas quais coragem, virilidade, brutalidade, amizade entre guerreiros etc. eram virtudes, covardia, traição, efeminação, compaixão etc. eram vícios, e para as quais o conquistador era admirável e o escravo desprezível. A nossa sociedade, porém, tem uma taboa de valores invertida, por culpa dos judeus. Esse povo de escravos, de sacerdotes, de humildes, de meigos, em breve esse povo desprezível de acordo com os valores normais, conseguiu dominar com seus valores invertidos e pervertidos a nossa sociedade, se mantém no poder pela perversão dos valores, e o instrumento do qual se utiliza para tanto é o cristianismo. Essa religião perniciosa, aquele veneno da Judeia, representa uma perversão total dos valores normais, ela desvia a atenção do rebanho subjugado da vida para uma eternidade depois da morte ad hoc inventada e inventa ainda e principalmente um Deus todo poderoso, mas misericordioso e cheio de amor, quando na realidade governa subrepticamente a elite judeo-cristã de escravos. Com estas artemanhas a elite desprezível consegue manter o rebanho em subjugação e evita o aparecimento de uma verdadeira elite de conquistadores, de bestas louras. Esse rebanho consiste de "gente ilusória com opiniões públicas", presa de uma moral de escravos, hipócrita, patologicamente inimiga da vida, e que segue o seu destino contra a própria vontade. Uma verdadeira elite consistiria de superhomens, nobres, altos, louros, amantes das artes, (especialmente da música), brutais, prodígios, sexualmente potentes, infieis, traiçoeiros e sem piedade. Para se tornar superhomem, basta que o homem obedeça a sua consciência que lhe diz: "Seja tu mesmo. Isto que Voce faz, e queres, e pensas não és tu. Siga o teu destino voluntariamente. Inclua o teu pensamento em tua vivencia. Resova-te a ser tu mesmo. Viva perigosamente." O profeta dessa raça de superhomens, prontos a emergir da escravidão judeu-cristã, é Nietzsche. Ele traz a boa nova que a época do Cristianismo está pronta a acabar, e que está surgindo o novo homem. Deus está morto, foi matado pela nova raça dos homens, mas tão grande ainda é a força dos valores antigos que a notícia da morte de Deus ainda não pode ser divulgada. É portanto preciso derubar a moral dos escravos, revalorizar os valores. Essa revalorização está no ar, o rebanho dos homens ilusórios cheira o seu advento e se inquieta. "Todo dia faz mais frio", para usar as palavras de Nietzsche. A inquietação do rebanho toma formas diferentes, todas elas variações do Cristianismo, portanto baseadas na táboa de valores predominante. Trata-se do socialismo, do liberalismo, do corporativismo, de todas essas tendencias da moral de escravos que carecem da vontade de viver perigosamente. Mas todas elas estão condenadas. Desaparecerá com elas o nihilismo pessimista que caracteriza todo o Ocidente, e mais especialmente a Alemanha, para cuja civilização e cultura Nietzsche reserva a sua ironia mais mordaz e derisiva. Esse clima desprezível será substituído pela chegada ao poder dos superhomens que se inspirarão na sabedoria nietzscheana, especialmente no "Assim falou Zarathustra" o livro mais profundo da literatura. Surgirá uma época de terror, na qual os tiranos poderão viver como lhes convem, a saber senhorialmente, e o rebanho seguirá cegamente aos seus mandos. Já houve épocas nas quais a verdadeira elite quase conseguiu arrebatá-lo ao poder aos judeo-cristãos, por exemplo o renascimento e a época napoleônica, e são essas as épocas mais admiráveis da Europa. Machiavelli é o pensador mais autêntico e honesto de todo o Ocidente. Mas desta vez a "Machtuebernahme" (tomada do poder) será definitiva e acontecerá ainda no século vinte. (O que estou dizendo foi escrito em 1880). Um dos sinais da época nova parecia a Nietzsche ser o aparecimento de uma arte total, tal qual foi idealizada por Wagner. A produção artística é o melhor sinal do superhomem, ele é o único que cria uma arte autêntica, dominadora e não subserviente. O superhomem é o verdadeiro deus e dispõe portanto do verdadeiro dom da criatividade. Uma análise da arte grega mostra que essa é a síntese de duas tendencias características do superhomem, a tendencia apolínea e a dionisiaca, mas a dionisiaca é a mais nobre. A dionisiaca será dominante no futuro graças a Nietzsche, esse primeiro superhomem e reencarnação do deus. Infelizmente Wagner não compreendeu essa verdade, e Nietzsche teve que romper com ele, um acontecimento trágico em sua vida do qual ele nunca se recuperou totalmente.

Assim, completamente só e abandonado a suas fantasmas

Assim, completamente só e abandonado a suas fantasias visionárias, Nietzsche viveu, perseguido por terríveis dores de cabeça e horríveis dúvidas provenientes de uma formação religiosa protestante e de uma natureza de alma profundamente crente, até que a loucura em sua misericórdia viesse a libertá-lo do seu inferno. Ele tinha vendido a sua alma, e aquele com o qual ele tinha feito a promessa de compra e venda veio finalmente para cobrar o que de direito era seu. Em momentos esparsos de relativa lucidez Nietzsche emitia decretos para o governo do mundo que assinava, caracteristicamente como Christus Imperator. Esse pequeno burguez que vivia de uma pensão mesquinha, esse solteiro que nunca teve amante, mas em cuja fantasia a mulher deveria servir tão somente ao lazer do guerreiro que a tratava de chicote, esse homem baixinho, magro e frágil que sonhava com o conquistador alto, brutal e sadio, esse frequentador das bibliotecas que pregava a vida cheia de aventuras e perigos, esse filho de pregadores protestantes que de balde queria provar a sua descendência de uma família aristocrática polonesa Nietzsche e que gostava de se dar ares de oficial prussiano, conseguiu galgar, finalmente, o trono divino. Era este o preço pelo qual tinha vendido a sua alma. Creio que a vida de Nietzsche é uma tragédia no sentido clássico dessa palavra, a despeito de ter sido vasia em acontecimentos externos, e não admita que deu origem à lenda.

Antes de discutir a influência de Nietzsche sobre a história política e artística recente, quero chamar a sua atenção sobre a fertilidade do seu pensamento no campo da filosofia. Acho que posso ser dispensado da prova que o seu pensamento é consequência de Schopenhauer e Darwin. Há nele, entretanto, uma reviravolta de Schopenhauer de 180°, ele luta do lado da vontade contra a representação, o pessimismo de Schopenhauer se transforma em otimismo desesperado. Para Nietzsche Schopenhauer é um típico representante do homem ilusório (Schweinhensch), que não tem coragem de ser ele mesmo e faz portanto parte do rebanho. Nietzsche está situado totalmente no campo da vida e totalmente desinteressado pela metafísica, por tudo que é absoluto. Ele é o primeiro autêntico filósofo da vida (Lebensphilosoph) e é neste sentido que Jaspers o considera com reviravolta na história do pensamento. Encontramos nele, portanto, todos os elementos do existencialismo, embora em clima diferente. E encontramos nele, também, todo o pragmatismo in nuce. Falarei do pragmatismo primeiro:

A base do pensamento nietzscheano é uma epistemologia inconfessa, a saber o conhecimento humano é resultado do poder que o homem exerce sobre o mundo, é fruto portanto da vontade de poder que impele o homem. Notem o curioso paralelo entre Nietzsche e Marx, aliás evidente em muitos outros detalhes. Fascismo e comunismo são irmãos também em suas fontes. Notem ainda a fantástica mutação que sofreu a frase: "Saber é poder" baconiana. A partir dessa epistemologia relativista, e da ética oportunista nela baseada, se desenvolveu organicamente o pragmatismo, embora esteja melhor comportado e mais civilizado. Quando falarmos em James e Dewey voltarei a tratar deste aspecto. Não somente comunismo e fascismo, também o capitalismo americano são descendentes do mesmo espírito paterno.

Quanto ao existencialismo, é ele, no fundo, uma síntese entre Kierkegaard e Nietzsche. O conceito do homem ilusório é idêntico ao "man" de Heidegger e "on" de Sartre. O superhomem é a existência na autenticidade. A solução de seguir o destino, aquilo que Nietzsche chama de "amor fati", é a resolução para a morte. O viver perigosamente é a Sorge (preocupação heideggeriana). A insistência sobre a vida e o desinteresse, a recusa da metafísica é a situação existencial dos nossos pensadores. Nietzsche chama de "ressentiment" a base da moral cristã, mas ele mesmo é impelido pelo ressentiment contra o cristianismo, essa "Hassliebe" (amor cheio de ódio), e o mesmo sentimento caracteriza o existencialismo, embora menos violentamente. Devemos a Nietzsche esse aroma de irreligiosidade teológica tão típica do existencialismo. Nietzsche não fala na angústia nem no desespero, mas creio que não é necessário que fale neles. Se consegui um pouco transcritir o seu mundo, Vocês os sentirão inarticuladamente. Festos eito Nietzsche e bem do nosso tempo. Terei oportunidade de iluminar melhor o lado existencial em Nietzsche quando formos discutir o existencialismo.

Além e acima destes aspectos Nietzsche influenciou o pensamento filosófico e parafilosófico por seu inconfessado psicologismo. A ordem de ideias na qual ele viveu deu origem à psicologia da atualidade, principalmente às especulações mitológicas de um Jung e à enorme influência que

Do poder.
estas tiveram sobre a nossa maneira de ver as coisas. Nietzsche tinha uma visao profunda da alma humana, nao muito lisongeira, e essa visao se tornou conquista definitiva da bagagem ocidental, ela faz parte do nosso pensamento. Malgré nous, somos todos, em grau menor ou maior, nietzscheanos.

O pensamento nietzscheano teve uma influencia decisiva sobre a nossa arte. Pode se dizer, sem muito exagero, que com ele surge um novo estilo artistico, o primeiro estilo autentico desde o gótico, e que chamarei, por falta de nome melhor, de expressionismo. A arte como expressao suprema da vontade humana de poder, a arte como criacao autentica e suprema, que é portanto independente de qualquer subservencia à uma ética, "Jenseits von Gut und Boese", (além do Bem e do Mal), a arte independente do nao-Eu, a arte nao imitativa, esta arte no sentido de Nietzsche, ela é a nossa arte. Sei que este ponto dará origem à discussao, e deixo que Voces o comentem.

O poder profético de Nietzsche quanto aos acontecimentos politicos da primeira metade do século 20 é assustador e impressionante. Hitler e Mussolinnao passam de caricaturas do superhomem, e o pragmatismo ético nietzscheano foi posto à prova eficiente nas décadas 30 e 40. (Recht ist, was dem deutschen Volke nuetzt, Unrecht, was ihm schadet). Em justiça devo dizer que duvido que Nietzsche estaria entusiasmado, se tivesse assistido ao nazismo. Mas as profecias nietzscheanas nao se realizaram ainda em sua totalidade. Filsofos da historia, como "Der Untergang des Abendlandes" e Toynbee, desenvolvem essas profecias em toda a sua consequencia, e existem indicios que a barbarie nietzscheana tem um futuro brilhante. As tentativas atuais de salvar a civilisação, isto é a moral de escravos, emprendidas pelos marxistas e liberalistas, seriam ridicularisadas por Nietzsche como outros tantos disfarces judeo-cristaos desesperados, porque a fera humana, o superhomem, está surgindo. Surge necessariamente, porque Deus está morto.

O ódio e a revolta que Nietzsche provoca em mim, (e, assim espero, também em Vocês), é temperado pela compaixao, desprezada por ele como ignobil, que ele em nos provoca. Da tortura de sua alma surge uma lingua poetica e bela acima de qualquer tentativa de transmissao por mim nesta noite. Ele é um mestre da lingua como muito poucos. E com esta arma, com a beleza portanto, que ele fere os corações daqueles que tiveram a desventura de le-lo. Todos ficam marcados por essa ferida para sempre. Ela cicatriza depressa se aplicarmos compressas frias da analise racional, mas nunca desaparece. A marca que ele deixa em nosso espírito pode ser descrita da seguinte maneira: Doravante nao nos é mais possível enxergar a historia da humanidade, nem a situaçao atual da sociedade, sem referencia à Deus. Ou bem Deus está morto, e o Seu sangue, derramado no maior dos crimes, inundará, talvez em forma de radioatividade, todas as coisas humanas, ou bem Ele está vivo ainda, com todas as consequencias que esta fé acarreta. Esta visao da sociedade devemos a Nietzsche. Nao disse eu, no começo, que nao é facil relegar ele simplesmente ao campo da loucura?